

## RELAÇÕES DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

*GENDER RELATIONS AND THEIR IMPLICATIONS ON CHILD DEVELOPMENT*

**Niágara Vieira Soares Cunha<sup>1</sup>**

*Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/Ceará*

**Gleiciane Teles Cardoso<sup>2</sup>**

*Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/Ceará*

### RESUMO

O desenvolvimento humano acontece nas relações histórico-sociais, através do aprendizado propiciado por estímulos internos e externos aos seres humanos. O objetivo é entender quais possíveis impactos são gerados no desenvolvimento infantil a partir das relações sociais de gênero. O materialismo histórico-dialético foi utilizado no estudo como referencial teórico-metodológico e a pesquisa explicativa, com análise categorial qualitativa. Fez-se estudos bibliográficos sobre o desenvolvimento infantil na concepção da Escola de Vigotski; a conceituação de gênero e as possíveis implicações das relações de gênero sobre o desenvolvimento humano. Os estudos destacaram a possível relação das diferenças identificadas no desenvolvimento infantil com as questões sociais de gênero. É relevante que mais pesquisas busquem elucidar essas questões, com o intuito de orientar a prática docente e nortear pais e responsáveis quanto à educação e ao desenvolvimento infantil.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento infantil. Escola de Vigotski. Gênero. Relações sociais.

### ABSTRACT

Human development takes place in historical-social relationships, through learning provided by internal and external stimuli to human beings. The objective is to understand what possible impacts are generated in child development from social gender relations. The historical-dialectical materialism was used in the study as a theoretical-methodological reference and explanatory research, with qualitative categorical analysis. Bibliographic studies were carried out on child development in the Vygotsky School conception; the conceptualization of gender and the possible implications of gender relations on human development. The studies highlighted the possible relationship of the differences identified in child development with the social gender issues. It is relevant that further research seeks to elucidate these issues, in order to guide the teaching practice and guide parents and guardians regarding education and child development.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora Adjunta do Curso de Educação Física da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, Ceará, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Cmte. Maurocéllo Rocha Pontes, 186, Bairro Derby Club, Sobral-Ceará, Brasil, CEP: 62042-280 (endereço institucional). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1908-7997> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0152438825725716> .E-mail: [niagara\\_vieira@uvanet.br](mailto:niagara_vieira@uvanet.br) .

<sup>2</sup> Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Gênero, Raça, Classe e Sexualidade (GERCLASSE) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, Ceará, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Cmte. Maurocéllo Rocha Pontes, 186, Bairro Derby Club, Sobral-Ceará, Brasil, CEP: 62042-280 (endereço institucional). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3868-1874> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1356779658087895> .E-mail: [gleicianeteles2mil@gmail.com](mailto:gleicianeteles2mil@gmail.com) .

**Keywords:** Child development. Gender. Social relations. Vygotsky's school.

## **RESUMEN**

El desarrollo humano tiene lugar en las relaciones socio-históricas, a través del aprendizaje proporcionado por estímulos internos y externos. El objetivo es comprender los posibles impactos que las relaciones sociales de género tienen en el desarrollo infantil. El estudio utilizó el materialismo histórico-dialéctico como marco teórico-metodológico y la investigación explicativa, con análisis categorial cualitativo. Se realizaron estudios bibliográficos sobre el desarrollo infantil en la concepción de la Escuela de Vygotsky; la conceptualización de género y las posibles implicaciones de las relaciones de género en el desarrollo humano. Los estudios destacaron la posible relación entre las diferencias identificadas en el desarrollo infantil y las cuestiones sociales de género. Es importante que más investigaciones traten de dilucidar estas cuestiones, con el fin de orientar la práctica docente y orientar a los padres y cuidadores en relación con la educación y el desarrollo infantil.

**Palabras clave:** Desarrollo infantil. Escuela de Vygotsky. Género. Relaciones sociale

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desenvolvimento do *homo sapiens* é particularmente curioso e um dos mais complexos existentes na natureza. Isso se dá pelo fato de que o processo de desenvolvimento do ser humano não é linear, pois envolve diferentes dimensões, como: biológicas, cognitivas, afetivas e/ou sociais. (Mota, 2005).

O psicólogo russo Vigotski, ao longo de seus estudos, desenvolveu a concepção de que o desenvolvimento humano acontece nas relações histórico-sociais, enfatizando o papel da linguagem no desenvolvimento do sujeito. O autor elucidou que é através da aprendizagem, impulsionada por estímulos internos e externos, na interação com o meio social e pela mediação adulto-criança, que repercute o desenvolvimento humano. Perante isso, a criança passa a se desenvolver conforme sua realidade e os estímulos por ela recebidos.

Ademais, a conexão que a criança estabelece com o mundo, dá-se, inevitavelmente, pelas relações sociais, pois, é a sociedade que constitui a conjuntura inicial de sua vida, estabelecendo tanto seu teor, quanto sua causa. Sendo assim, a atividade da criança é reflexo das atividades sociais e, conseqüentemente, as relações sociais expressam-se através da atividade da criança (Vigotski; Luria; Leontiev, 2017).

Seguindo esta linha de raciocínio, destacam-se as relações de gênero, que por serem construções sócio-históricas, impõe estigmas, estereótipos e/ou papéis sociais, que ao longo da história da humanidade foram sendo moldados e, conseqüentemente, afetam o desenvolvimento integral da pessoa; esta, no que lhe concerne, vai se estruturando de acordo com o modo de organização do corpo coletivo.

Por esse ângulo, é necessário compreender que gênero, corpo, 'masculinidade', 'feminilidade' e orientações sexuais são constructos históricos, contrapondo a ideia de que são constantes antropológicas, características essenciais, invariáveis ao ser humano enquanto natureza (Maihofer, 2016), e que determinam brincadeiras, comportamentos, práticas corporais, específicas condições de trabalho, papéis sociais, entre outras.

Santos (2010, p. 842-843), salienta esta ideia, quando diz que,

no processo de transmissão cultural (...) encontramos papéis atribuídos socialmente aos homens e às mulheres, determinados através do tempo e culturalmente ancorados em diversas atividades, constituindo-se, portanto, em construções históricas e, como tais, modificáveis.

Tem-se que as crianças são seres sociais e estabelecem vínculos e interagem desde cedo com seus familiares, nos espaços coletivos e de cuidados, oportunizando ampliar as suas vivências e relações (Amorim *et al.*, 2020).

Para tanto, é importante que entendamos que a fase inicial da vida da criança, compreendida entre 0 aos 6 anos, é uma fase determinante. Nesses anos iniciais, a criança estabelece contato com o mundo através da mediação dos adultos e se utiliza da brincadeira e do lúdico para conversar com o seu entorno, sendo fundamental para o crescimento e desenvolvimento adequados da criança (Falbo *et al.*, 2012).

Isto posto, impulsionada pelo desejo de entender melhor o desenvolvimento infantil e a sua relação com a construção social de gênero, sob a ótica dos estudos da escola de Vigotski, o objetivo geral desta investigação é entender quais possíveis impactos são gerados no desenvolvimento infantil a partir das relações sociais de gênero. Destaca-se, ainda, que os objetivos específicos são: identificar as diferenças sociais definidas pelo gênero e compreender de que forma afetam o desenvolvimento infantil.

O presente estudo se faz relevante pois pode favorecer o aprimoramento profissional de educadores e impulsionar os conhecimentos de pais e responsáveis sobre o desenvolvimento infantil, assim como, lançar luz sobre a práxis do trabalho pedagógico do professor.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Conceituação de gênero: aspectos introdutórios

Antes de lançar mão sobre o desenvolvimento infantil, na perspectiva da escola de Vigotski, é importante compreender o que vem a ser gênero. Vale apontar que seu conceito, como todos os outros, é envolto por processos históricos e suas singularidades também são concebidas como constructos socioculturais, pois, seu entendimento evidencia que as desigualdades, processo de opressão, domínio e exploração de uns em detrimento de outros não é natural (Carvalho, 2017).

A discussão acerca do tema foi desenvolvida por teóricas feministas na expectativa de apreender e responder, cientificamente, as desigualdades entre os sujeitos e como elas operam na realidade e atingem as relações sociais (Carloto, 2014). É tido como um conceito complexo, difícil de entender e até mesmo de apropriação por parte das pessoas.

As questões entre sexo e gênero, natureza e sociedade foram e continuam sendo um ponto crucial no debate feminista, em razão de que, um dos grandes objetivos é distinguir estruturas que socialmente são impostas ao masculino e ao feminino da análise do sexo anatômico, dado pela biologia (Nucci, 2015).

A argumentação acerca desses dois campos não se reduz apenas dentro dessas características, dado que, segundo Butler (2015, p. 164):

a heterossexualidade apresenta posições sexuais normativas que são intrinsecamente impossíveis de incorporar, e a impossibilidade persistente do identificar-se plenamente e sem incoerências com essas posições a revela não só como lei compulsória, mas como comédia inevitável.

Coelho (2018) sugere que ter gênero como significado da normatização da diferença unicamente entre masculino e feminino é deixar de se atentar para que esta ideia de uma origem binária é eventual e que sua existência tem um preço.

Para Butler (2004 *apud* Coelho, 2018) o binarismo entre o masculino e o feminino impõe barreiras de discussão sobre todas as outras manifestações. E o que ela busca em suas obras é romper com esses empecilhos delimitados pelo sexo e evidenciar que as regras governam a vida pessoal e a política, produz e mantém as normas que determinam o que as pessoas devem ser, qual discurso usar e dizem os limites das sexualidades.

Nesse contexto,

quando “sexo” e “gênero” são tratados em termos de uma lógica binária e oposta, há uma exclusão de pessoas e identidades que não se conformam a essa norma e, inevitavelmente, há uma invisibilidade desses sujeitos segundo esse ponto de partida epistemológico. Não é que essas pessoas não sejam visíveis em outros contextos sociais, mas a pesquisa científica, ao partir de uma visão de mundo que não permite uma pluralidade de existências desses sujeitos em sua própria teoria, corre o risco de cometer uma exclusão deles, implicando em problemas éticos (Oka e Laurenti, 2018, p. 248).

Da mesma forma que Silva (2019, p. 77), coloca:

pensando com Butler (2015), compreendo que determinar e fixar um lugar para o gênero, ao reduzi-lo em um aspecto adquirido culturalmente, é colocá-lo sob a ideia de essência por julgar que há um destino, pois mesmo que não seja no âmbito da biologia, é no da cultura, visto que, por considerar os destinos formulados ao gênero, produz-se uma estrutura que o fixa: na natureza, o sexo; na cultura, o gênero, colocando, assim, os sujeitos em uma estrutura heteronormativa. Com isso, queremos dizer que sujeitos nascidos com vaginas (natureza/biologia) são colocados obrigatoriamente nas expressões culturais e sociais femininas (funções/cultura) e o mesmo acontece para os sujeitos nascidos com pênis (natureza/biologia) em expressões masculinas (funções/cultura).

## Relações de gênero e suas implicações no desenvolvimento infantil

E, o “gênero é performático e múltiplo, é ação e não identidade ou totalidade, e está associado a outros vetores de distinção como classe, etnia e geração (Toneli, 2012, p. 150)”.

Silva (2015, p. 27) reflete:

a identidade de gênero e sexual necessita ser compreendida como dimensão do ser humano e construídos na vida social, pois nem todos estão vivendo suas experiências identitárias como tradicionalmente nossos pais ou avós, de forma homogênea, essencialista e natural. Até a noção de diferença possui um sinônimo de construção social, na qual a diferença é construída a partir da heterossexualidade hegemônica.

Sendo assim, o termo ganha uma característica interrelacional, principalmente, como construção social alicerçada nas diferenças entre os sexos e nas formas e relações de poder (Scott, 1995 *apud* Silva, 2019). Entendê-lo a partir de uma compreensão plural, é perceber que é diferente de sexualidades e como independentes, fazendo com que as pessoas que estão às margens dos padrões normativos visíveis ao assimilar que a organização social dentro da temática é um processo de produção histórica que se distingue da sexualidade (Silva, 2019).

De forma resumida, sexo é categorizado como feminino ou masculino, ao passo que gênero enquadra definições acerca de como as pessoas se identificam e se expressam, isto é, um é característica biológica, à medida que o outro está ligado às questões identitárias (Garcia e Duarte, 2017). Contudo, não somos só machos e fêmeas, pois, temos uma formação social sobre sexo, assim, não se pode incorporá-lo apenas como a separação anatômica entre mulheres e homens (Ramos, 2008).

A expressão de gênero significa a maneira como a pessoa se apresenta socialmente, com todas suas características que se moldam de acordo com a cultura na qual faz parte e que os papéis se referem ao modo de agir, que, na maioria das vezes, é ensinado aos seres humanos desde sua concepção, estruturando as diferenças entre os sujeitos (Sonetti, 2018).

Também pode ser assimilado, tanto com o enfoque de como a pessoa compreende a si mesma (identidade), seja ela social ou individual, e/ou como estrutura organizacional, forma de dominação simbólica e hierárquica. Isso desnaturaliza a ideia de determinação biológica, contrapondo-se também a definição gramatical que distingue os gêneros feminino e masculino a partir das distinções biológicas entre homem e mulher, refutando ainda o padrão binário para conceber gênero como diverso (Carvalho, 2017).

Na sua raiz sócio-histórica, as desigualdades problematizam e sustentam as diferenças corporais, psíquicas e sociais que classificam e hierarquizam as pessoas, assim como questionam as maneiras e os meios que aprendemos e somos ensinados a assimilar e internalizar o que é ser homem, mulher e as diferentes formas de expressões (Carvalho, 2017).

Além disto, os comportamentos sociais representam um forte aprendizado sociocultural sobre como devemos agir de acordo com as instruções repassadas, dentro do que se espera de cada pessoa, normatizando como os sujeitos têm que “(...) andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, amar, trabalhar, gerenciar outras pessoas, ensinar, dirigir o carro, gastar o dinheiro, ingerir bebidas, dentre outras atividades” (Brasil, 2009, p. 40).

Assim, pode-se dizer que o ser humano começa a aprender a seguir esses pontos desde o princípio de sua existência. Ao passo que amadurecem e diferenciam atitudes, gestos entre distintos gêneros por meio das brincadeiras, dos brinquedos, acessórios e diversas outras normas estipuladas para cada indivíduo, ainda, impõem modos de pensar, ser e agir compatíveis as denominações, desde a infância (Brasil, 2009).

Em razão disso, é fundamental que as pessoas atentem-se que em instituições, como a família e a escola, as diferenças de gênero podem ser reforçadas ou reduzidas. Butler (2019, *apud* Mação; Alvim, Rodrigues, 2021, p. 236) “também considera que existem possibilidades de modificar a maneira como esses papéis nos são apresentados, reinventando a forma de vivê-los”.

De acordo com Araújo (2005, p. 44), “o conceito de gênero pode ser empregado também como uma categoria política para analisar a questão da igualdade e da diferença, apontando para uma nova perspectiva de interpretação e transformação da realidade social”. A compreensão de que tudo é construção, seja na família, na rua, na mídia e na escola, possibilita assimilar que o que se convencionou socialmente pode ser discutido e transformado (Brasil, 2009).

Do mesmo modo que

o processo de socialização na infância e na adolescência é fundamental para a construção da identidade de gênero. E a escola tem grande responsabilidade no processo de formação de futuros cidadãos e cidadãs, ao desnaturalizar e desconstruir as diferenças de gênero, questionando as desigualdades daí decorrentes (Brasil, 2009, p. 59).

Em análise, a discussão proposta para esta produção é problematizar a forma como as relações/questões de gênero, implicam no desenvolvimento de crianças do sexo masculino e feminino e não-binárias. Trazendo assim para discussão o que a criança vivencia ou deve vivenciar com base no que se estipulou para gênero.

## **Desenvolvimento infantil: perspectiva da psicologia histórico-cultural**

Lev Semenovich Vigotski nasceu na Rússia, precisamente na cidade de Orsha, Bielo-Rússia, em 1896. O fato de que sua família possuía boas condições financeiras possibilitou que ele tivesse uma boa formação acadêmica, possuindo tutor particular até seus 15 anos de idade. Aos 17 anos, iniciou o ensino superior e logo mais tarde se graduou em Direito e Licenciatura, ainda durante a Revolução Russa (Duarte *et al.*, 2019).

Desde cedo o russo demonstrou curiosidade a respeito do desenvolvimento do psicológico humano e isso o levou a cursar medicina e psicologia. Nota-se que o percurso acadêmico de Vigotski é bastante diversificado, pois engloba áreas do conhecimento como Medicina, Antropologia, Cultura, Artes, Psicologia e Literatura (Rego, 1995).

Durante sua estadia no Instituto de Psicologia de Moscou, Vigotski, Luria e Leontiev, desenvolveram um trabalho primordial acerca da psicologia e dos processos psíquicos de modo geral, interessando-se, especificamente, em entender os problemas de investigação, em essencial, a respeito do pensamento e da linguagem, contrapondo-se as ideais naturalistas da época modernas. Seus estudos estrearam um novo entendimento a respeito da psicologia e do desenvolvimento infantil: a psicologia histórico-cultural, com base marxista (Siqueira, Alencar e Aquino, 2012).

Nunes e Silveira (2008, p. 95), integram:

sua psicologia tem como base epistemológica o materialismo dialético de Karl Marx, investigando os processos psicológicos humanos, com relevo em sua dimensão histórica e não natural. Extrai do marxismo a ideia de que o ser humano é uma realidade concreta e sua essência é construída nas relações sociais.

Neste sentido, Vigotski projetou o desenvolvimento humano procurando investigar a origem do psiquismo e sua dinamicidade, criticando assim os métodos que investigavam a mente humana como passível de mensuração e controle (Nunes e Silveira, 2008).

Dentro de seus estudos são elaborados conceitos como: a ideia da consciência, da atividade humana, da mediação, a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), aprendizagem e o desenvolvimento. Acerca da consciência, os autores a caracteriza como um mecanismo da espécie humana que a diferencia dos demais animais e que é desenvolvida através da atividade da pessoa e por meio da linguagem.

Peto e Veríssimo (2018), reforçam o pensamento de Karl Marx ao expor que atividade humana é um meio para a manutenção da existência e é ainda uma produção da

consciência, com um objetivo de satisfazer as próprias necessidades. Em análise disso, o ser humano passará a produzir e viver de acordo com os processos históricos e sociais, e não somente regidos por leis biológicas, bem como seu desenvolvimento.

De acordo com Vigotski (*apud* Rego, 1995, p. 41), “as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são meros resultado das pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem em seu meio sociocultural.”

Posto isso, ao longo do desenvolvimento infantil, é relevante frisar que há dois aspectos a considerar, que Vigotski denomina como: funções elementares ou inferiores e as funções superiores. Em Rego (1995), as funções elementares são caracterizadas como sendo reações biológicas, mecanismos involuntários e naturais. No que diz respeito às funções superiores, Nunes e Silveira (2008), mencionam que podem ser memória, imaginação, linguagem, percepção, entre outras, e que, primordialmente, são influenciadas por processos sociais.

A captação do mundo exterior e a adaptação ao meio, ocorre, originalmente, por um caminho denominado, em Vigotski, de mediação e é através dele que se desenvolvem as funções superiores. Percebe-se então que o papel da interação social é proporcionar a apropriação e a interpretação acerca dos signos e instrumentos (Moreira, 1999).

Por fim, não menos importante, é indispensável entender o desenvolvimento da aprendizagem teorizado por Vigotski e colaboradores. Na compreensão de Nunes e Silveira (2008, p. 102):

Vigotski discorre acerca de duas possíveis dimensões do desenvolvimento: aquelas referentes às capacidades já completadas (zona de desenvolvimento real) e aquelas que estão na eminência de serem efetivadas (zona de desenvolvimento proximal).

A zona de desenvolvimento proximal é uma área onde algumas funções não estão totalmente maduras e que estão no processo de maturação, caracterizada como dinâmica (Moreira, 1999). É justamente nesta zona de desenvolvimento que precisa acontecer o maior número de interação e estímulo possível, possibilitando que a criança atinja outra fase do desenvolvimento, mesmo que este não aconteça de forma linear.

Diante disso, tem-se o ponto chave da psicologia histórico cultural de Vigotski, pontuando que para ocorrer um desenvolvimento significativo e amplo, é fundamental apreender que todas as assimilações cognitivas, motoras, afetivas e sociais realizadas pela criança, dependem, intrinsecamente, das significações sociais e dos estímulos que ela recebe, transmitidos através das interações sociais. Assim, o desenvolvimento das

dimensões psíquicas humanas é sempre mediado por alguém, este, aponta e determina significados à realidade (Rego, 1995).

Em síntese, o processo de mediação e da interação social que acontece desde os primórdios da vida da criança, é fundamental para a assimilação do seu entorno, para o desenvolvimento abrangente de suas capacidades e habilidades, tornando assim um percurso decisivo para um desenvolvimento integral do sujeito.

### **METODOLOGIA**

O materialismo histórico-dialético foi utilizado como referencial teórico-metodológico desta pesquisa. Segundo Martins e Lavoura (2018, p. 224-225), as

investigações científicas, as quais possuem como estofa metodológico de análise o materialismo histórico-dialético, possuem como premissa central a necessidade de compreender e de explicar os objetos e fenômenos investigados, tais quais eles verdadeiramente são na prática.

Selecionou-se a pesquisa explicativa e a abordagem qualitativa com o estudo bibliográfico para este trabalho, que para Gil (2002) permite identificar os fatores que colaboram para o acontecimento de eventos.

Efetivou-se a leitura de livros previamente selecionados, que foram: Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem de L.S Vigotski, A.R. Luria e A.N. Leontiev (2017), A Construção do Pensamento e da Linguagem de L.S. Vigotski (2009), Psicologia da Aprendizagem: Processos, Teorias e Contextos de A. I. B. L. Nunes e R. N. Silveira (2008) e Vigotski, uma perspectiva histórico cultural da educação de T. C. Rego (1995) e Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais (2009), dentre outras leituras.

Cabe expor que o processo de busca de embasamento para a construção do momento de análise dos dados aconteceu através de uma procura detalhada na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e em outras bases de dados como: *Embase*, *Scopus*, *Annual Reviews*, *Latindex*, *Science Direct* e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). As palavras-chave usadas foram: relações de gênero e desenvolvimento infantil; gênero e desenvolvimento infantil; relações de gênero/gênero e Escola de Vigotski/Vigotski e desenvolvimento infantil.

Na base de dados periódicos CAPES, foram encontradas 403 produções, a partir da leitura do título foram selecionadas dez, após leitura completa restaram sete, dessas duas delas foram utilizadas para embasamento inicial da pesquisa. Na BDTD, encontramos 267

pesquisas, selecionando seis a partir do título e após a leitura restaram três. Com relação às outras bases de dados não foram encontradas produções com as palavras-chave designadas, exceto na *Science Direct*, em que 76 pesquisas foram localizadas, uma escolhida a partir do título e resumo e excluída após a leitura completa.

Em suma, foram demarcadas no total de nove (9) produções empregadas para análise e construção do capítulo 4 - Relações de gênero e suas possíveis implicações no desenvolvimento infantil, que foram: O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural (Moretti; Asbahr; Rigon, 2011); Relações de gênero e educação infantil: alternância de papéis e ludicidade (Braga e Santos 2017); A influência do gênero e idade no desempenho das habilidades locomotoras de crianças de primeira infância (Oliveira, D. S. Oliveira, I. S. Cattuzzo, M. T, 2013); Estudo comparativo entre contextos de brincadeiras em instituição de acolhimento infantil (Oliveira, L.S.M. *et al*, 2015); De João à Joana: gênero e brincadeiras - atribuição de significados no contexto da educação infantil (Pacheco, L. de B., 2009); Diferenças de Gênero nas Brincadeiras de Crianças em Sites e/ou Aplicativos: Segregação, Estereotípias e Tipificação (Santos, I. A. dos, 2018); Análise da produção científica brasileira sobre relações de gênero na educação infantil (Silva, F. J. da C. e, 2015); Relação entre gênero e desempenho neuropsicomotor de crianças em Belém, Brasil (Silva, M. L. da. *et al*, 2016) e o livro "Brincadeira de Papéis Sociais na Educação Infantil", organizado por Alessandra Arce e Newton Duarte (2006).

Os critérios de inclusão das produções foram: pesquisas que contemplaram na escrita o processo de desenvolvimento humano seguindo uma perspectiva social e aquelas que mencionaram como as questões/relações de gênero se relacionam com o desenvolvimento infantil e elencando possíveis impactos que isso pode gerar.

Já os critérios de exclusão utilizados foram: pesquisas que não abordaram o conceito de gênero como constructo social, frisando, assim, apenas a dimensão biológica e aquelas que não investigaram ou não mencionaram uma possível relação de gênero com o desenvolvimento infantil.

Isto posto, executou-se uma análise categorial qualitativa e teórica acerca do que os estudiosos trazem em suas pesquisas sobre a temática já exposta. Para isso, foram elencadas três categorias de análise, que seguem em forma de três capítulos, dois deles como referenciais teóricos. Primeiro, sobre a conceituação de gênero, com aspectos introdutórios; o desenvolvimento infantil: perspectiva da psicologia histórico-cultural, e por fim, sobre as relações de gênero e suas possíveis implicações no desenvolvimento infantil.

## **ANÁLISES E RESULTADOS**

## **Relações de gênero e suas possíveis implicações no desenvolvimento infantil**

Em virtude da necessidade de analisar como as relações de gênero podem implicar no desenvolvimento infantil, viu-se a possibilidade de elencar três categorias de análise, que seguiram em forma de capítulos: o primeiro para entender gênero, a partir da sua conceituação, o segundo com ênfase em que Vigotski e seus colaboradores, na perspectiva da psicologia histórico-cultural, dissertam sobre o desenvolvimento infantil e por último, este, que embasado pelos nove estudos selecionados procura problematizar a questão de gênero e o desenvolvimento infantil.

A partir das buscas nas bases de dados por produções, foi possível defrontar-se com poucos estudos que abordam o gênero e o desenvolvimento humano. No entanto, as poucas pesquisas que foram eleitas dão relevância aos aspectos sociais da construção do desenvolvimento da criança elucidando esferas culturais, históricas e sociais do seu desenvolvimento, salientando as relações de gênero. Isso analisado, a construção deste capítulo analítico seguiu-se na forma discursiva, a fim de proporcionar uma abordagem dinâmica sobre o que será exposto.

O estudo do desenvolvimento do ser humano apresenta-se como um processo curioso, pois dentre tantas dimensões, pode-se citar que a espécie humana é única, dentre tantos seres vivos, que depende, por um longo período de sua vida, dos cuidados e afetos dos seus responsáveis e cuidadores. Por exemplo, o bebê não consegue cuidar das suas necessidades essenciais à sua sobrevivência. O modo de ser do bebê está posto e entrelaçado com o fator social (Vigotski, 1996 *apud* Facci, 2006).

Presume-se, então, que é a sociedade que designa o conteúdo e estímulo na vida da criança, em razão de que as atividades dominantes surgem como figuras da cultura humana (Facci, 2006).

Por esta ótica, ao passo que o ser humano é gerado, é imerso em um mundo produzido por momentos históricos e vivencia esse contexto na presença de outro sujeito, e este, por sua vez, providencia os meios necessários para sua sobrevivência e para transformar a criança em ser social, dotado de consciência.

Pois,

[...] diferentemente dos animais, o homem cria necessidades que têm por objetivo não apenas garantir a sua existência biológica, mas principalmente sua existência cultural. Satisfazendo suas necessidades, constitui-se como um ser ético, como um ser que cria princípios e preceitos para guiar sua ação, ao

mesmo tempo em que tais princípios norteiam a constituição de suas necessidades e ações (Moretti; Asbahr; Rigon, 2011, p. 428).

Sobretudo, quando criança, o mundo lhe é apresentado, esta, por sua vez, assimila isso através das relações que estabelece com as pessoas à sua volta, nos momentos da brincadeira, dos estímulos oferecidos e na forma como ela capta esses incentivos.

Logo, o brincar e a brincadeira são as atividades principais da criança, principalmente no período pré-escolar e ela emprega essas atividades como forma de entender e se apossar do mundo concreto dos objetos humanos e por meio da imitação das ações dos adultos com esses objetos (Facci, 2006).

E, a “atividade de brincar preenche a necessidades da criança, colocando-a em ação, isto é, motivando-a a agir sobre seu mundo (...), e explora suas possibilidades de ação sobre o meio circundante” (Vigotski, 2007 *apud* Pacheco, 2009, p. 19). Nessa lógica, entende-se a brincadeira como uma carência de lidar e agir sobre os objetos, e experienciar a realidade dos adultos. Por outro lado, cabe ressaltar que a brincadeira e os objetos da criança refletem em sua maioria o que se convencionou como papéis sociais de gênero.

Nessa lógica,

[...] admite-se que os papéis sociais atribuídos para cada gênero diferem desde o nascimento. Atividades como competição, contato físico e jogos de interdependência exigindo força, resistência e potência, com predomínio de ações envolvendo saltos e corridas, em espaços maiores, são características dos jogos e brincadeiras de meninos. Ao passo que meninas são estimuladas a atividades de natureza estética ou rítmica, com movimentos finos e mais controlados e em espaços menores (Venturella, *et al.*, 2010 *apud* Silva, *et al.*, 2016, p. 2726).

Partindo do pressuposto que já entendemos o que seja gênero e desenvolvimento infantil de acordo com Vigotski, adentramos no que a literatura disserta sobre as questões de gênero e a criança, com destaque nos possíveis impactos que isso pode gerar sobre o desenvolvimento desse público.

De outra forma, as diferenças encontradas nos desempenhos neuropsicomotores de crianças de Belém-PA, através de testes realizados por meio da brincadeira e da análise dos comportamentos, entre crianças do sexo masculino e do sexo feminino, são examinadas pelos aspectos biológicos e também pela hipótese de que os contrastes entre os testes são consequências dos estímulos vivenciados pela criança, tanto para a ausência quanto para a existência das capacidades neuropsicomotoras avaliadas (Silva *et al.*, 2016).

Foi possível identificar que pode haver atrasos ou divergências no desenvolvimento das crianças que recebem estímulos baseados em papéis sociais e o que se espera de cada gênero. Ademais, os autores encerram a produção dizendo que a sociedade tende a contribuir para que as crianças sigam um padrão determinado e assim, optem por

## Relações de gênero e suas implicações no desenvolvimento infantil

modos de comportamentos que demarcam seu desenvolvimento (Altmann; Ayoub E Amaral, 2011; Menezes e Brito 2013, *apud* Silva *et al.*, 2016).

A investigação acerca do desenvolvimento motor de crianças de sexos distintos se depara com divergências entre as habilidades locomotoras avaliadas, elucidando que apesar de que essas habilidades venham a evoluir conforme a idade e maturação biológica, em contrapartida, segundo estudiosos do desenvolvimento humano, a eficácia das habilidades motoras também decorre dos momentos e da qualidade da prática dessas competências (Oliveira *et al.*, 2013).

Sendo assim, “a especificidade da tarefa também deve ser considerada para um melhor entendimento de como ocorre o processo de desenvolvimento motor, pois as restrições inerentes a cada tarefa podem afetar o seu desempenho” (Oliveira *et al.*, 2013, p. 647).

Os tipos de brincadeiras e brinquedos escolhidos por meninos e meninas dentro de uma instituição de acolhimento, levanta a questão que a diferença das escolhas entre as brincadeiras do sexo feminino e masculino não são puramente influenciadas por aspectos biológicos, mas por questões sociais (Oliveira *et al.*, 2015).

Consequentemente, isso permite afirmar que: “as características tidas pela tradição são cheias de uma cultura que desde sempre diz que comportamentos e habilidades são esperados para cada gênero (Viana e Finco, 2009 *apud* Oliveira, *et al.*, 2015, p. 316).

Segundo Braga e Santos (2017, p. 251),

os brinquedos e brincadeiras influenciam na construção de padrões de comportamento. Por sua vez, família e sociedade impõem determinantes de comportamento e padrões de atuação social que podem inviabilizar o desenvolvimento de uma vida plena para crianças que ainda não adotaram um gênero em sociedade.

A respeito da construção de gênero na educação infantil, tem-se que “a construção das identidades de gênero na primeira infância é balanceada e proposta pela cultura em que a criança está sendo inserida” e que os “adultos então têm um papel fundamental nessa construção, pois serão os definidores, em um primeiro momento quando as crianças são totalmente dependentes deles, e mediadores posteriormente, do direcionamento das ações e escolhas das crianças” (Silva, 2015, p. 31-32).

Santos (2018, p. 59), preocupou-se em investigar em sua dissertação, as diferenças entre as brincadeiras a partir do gênero e elenca que:

os estereótipos de gênero relacionam-se com o fato de o universo feminino limitar-se, em grande parte, à casa, à família; o masculino, aos carrinhos, à luta, ao mundo externo e ao trabalho. Desse modo, a cultura lúdica é considerada masculina por que a criança é menino, ao ser percebido como um menino age conforme padrões culturais, brinca com outros meninos, recebe objetos endereçados aos meninos (Santos, 2018, p. 59)

Pondera-se, então, que as questões de gênero ainda são discutíveis e instituem relações de preponderância masculina com fortes impactos para o desenvolvimento integral do sujeito (Silva, 2015).

Além do que já foi dito que essas manifestações são repassadas à criança através da brincadeira e dos estímulos que engendram os papéis sociais definidos por gênero, é necessário que isso seja rompido e que se possa adquirir atitudes críticas para que a brincadeira venha a ser conduzida de forma que as crianças tomem ciência do processo de alienação que a brincadeira de papel social carrega consigo (Duarte, 2006).

Evidencia-se que a ideia da brincadeira elencada nesta produção, remete-se aos estímulos que a criança recebe, que, de forma geral, lembra o brincar. Portanto, ao entender que o público infantil desde muito cedo recebe do meio os estímulos e limitações, em sua maioria, orientados por questões de gênero, faz com que ao trabalhar o desenvolvimento infantil, possamos romper com as barreiras que interferem em seu desenvolvimento integral e saudável.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vimos que o desenvolvimento do ser humano não é um processo linear, pois, acontece dentro e por meio das relações que a criança estabelece com o mundo. Conforme Pacheco (2009), ao estudar Vigotski, a aprendizagem da criança, dá-se na assimilação da cultura, e isso inclui as normas de gênero, origem, classe social, linhagem, religião. Logo, esse processo não ocorre de forma inativa, pois, ao mesmo tempo em que se apreende se modifica.

Contudo, foram encontradas poucas produções que investigavam as mesmas questões pautadas nesta pesquisa. A maioria das produções lidas e excluídas tinham como gênero, a diferença entre o sexo masculino e feminino, partindo do pressuposto biológico e evolucionista. Ressalta-se que as diferenças e desigualdades de gênero não podem ser fundamentadas pelas distinções biológicas, mas através dos arranjos sociais, na condição da história e do acesso aos recursos e entender que é a partir dessa estrutura que elas são edificadas e reproduzidas (Louro, 1999, *apud* Santos, 2018).

Felizmente, as poucas obras encontradas mencionam a possível relação das diferenças identificadas no desenvolvimento infantil com as questões sociais de gênero,

estas determinam os corpos infantis a seguir padrões estabelecidos e a experienciar somente estímulos que visam manter a norma.

É necessário que mais pesquisas busquem elucidar essas questões, a fim de orientar a prática docente e a educação dos pais e responsáveis para que eles procurem oferecer o maior número de estímulos possíveis às suas crianças, atentando, não somente para a quantidade, mas a qualidade dos estímulos e as vivências proporcionadas.

Houve o alcance dos objetivos específicos, que procuraram identificar as diferenças sociais definidas pelo gênero e compreender de que forma afetam o desenvolvimento infantil e isso permitiu assimilar que desde a concepção do ser humano, ele está envolto por papéis sociais, que em sua maioria, diz o modo de ser do indivíduo, como a distinção entre brincadeiras e comportamentos e quão diversos serão os estímulos vivenciados.

Notou-se com a efetivação do objetivo geral que a criança interpreta sua realidade de acordo com o contexto no qual ela vive, o que implica que a conformação sociocultural pode influenciar no desenvolvimento das habilidades, capacidades e das atribuições do ser humano. Demonstrando que os estímulos oportunos e convencionados pela sociedade, têm predominância no percurso do desenvolvimento humano.

Por fim, torna-se relevante aprofundar as pesquisas quanto a esta temática, com a intenção de buscar os impactos das relações de gênero no desenvolvimento infantil e distinguir de quais formas a sociedade age sobre a criação do ser humano, determinando, como sendo inevitáveis, os comportamentos, as brincadeiras, o modo de ser e as escolhas da criança.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M.F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/BVXTfbqbjJJYh7pwSkjdzpN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 de março de 2023.
- ARCE, A. DUARTE, N. **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil**. São Paulo: Xamã, 2006.
- AMORIM, K. S. et al., Continuando o debate sobre cuidado e educação de crianças nos primeiros anos de vida. **Teoria e Prática da Educação**, v. 23, n.1, p.22-35, Janeiro/Abril, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/49985/751375150486>. Acesso em: 12 de dezembro de 2022.
- BRAGA, S. O. SANTOS, R. dos. Relações de gênero e educação infantil: alternância de papéis e ludicidade. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro SP, 2017.

BRASIL. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: [https://www.unifaccamp.edu.br/graduacao/letras\\_portugues\\_ingles/arquivo/pdf/gde.pdf](https://www.unifaccamp.edu.br/graduacao/letras_portugues_ingles/arquivo/pdf/gde.pdf). Acesso em: 12 de março de 2023.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARLOTO, C. M. O Conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serviço Social em Revista**, Paraná, 2014. Disponível em: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v3n2\\_genero.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm). Acesso em: 12 de março de 2023.

CARVALHO, M. E. P. de. Gênero: o que é e o que não é ideologia. 05 dez. 2017. Apresentação em Power Point. Disponível em: <https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/didaticos/o-que-e-e-o-que-nao-e-ideologia-de-genero>. Acesso em: 12 de março de 2023.

COELHO, M. G. **Gêneros desviantes: o conceito de gênero em Judith Butler**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis, 2018.

DUARTE, A.E.P. et al., Vygotsky: suas contribuições no campo educacional. **Anais VI Conedu**, ano de 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/63002>. Acesso em: 01 de junho de 2022.

DUARTE, N. Vamos brincar de alienação? A brincadeira de papéis sociais na sociedade alienada. *In*: Rossler, J. H. et al. (org). **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil**. São Paulo: Xamã, 2006.

FACCI, M. G. D. Estágios do desenvolvimento psicológico segundo a psicologia sócio-histórica. *In*: Arce, A e Duarte, N. (org). **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil**. São Paulo: Xamã, 2006.

FALBO, B. C. P. et al. Estímulo ao desenvolvimento infantil: produção do conhecimento em Enfermagem. *scielo.br. Rev. Bras. Enferm.* 65 (1) • 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/jFrpLzWJNxsjkyFZLrGKzkh/?lang=pt>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

GARCIA, L. P. DUARTE, E. Equidade de sexo e gênero na pesquisa e na publicação científica. **Epidemiol. Serv. Saúde**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/QRwcTWxgYsrxg3MRdtzrsG/?lang=pt>. Acesso em: 07 de abril de 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

MAÇÃO, I. R. ALVIM, D. M. RODRIGUES, A. Desfazendo sexo: uma genealogia dos conceitos de sexo biológico e gênero. **Kinesis**. Marília, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/12145>. Acesso em: 07 de abril de 2023.

MAIHOFER, A. O gênero como construção social – uma consideração intermediária. **Rev. Direito e Práxis**. Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 15, 2016, p. 874-888. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25362/18202>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

MARTINS, L. M., LAVOURA, T. N. Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 223-239, set./out. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/75VNGFj5PH5gy3VsPNp3L6t/?lang=pt>. Acesso em: 09 de maio de 2022.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

MORETTI, V. D., ASBAHR, F. S. F., & RIGON, A. J. (2011). O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**, 23(3), 477-485.

MOTA, M. L. Psicologia do Desenvolvimento: uma perspectiva histórica. **Temas psicol.** v.13 n.2 Ribeirão Preto dez. 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2005000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200003). Acesso em: 07 de maio de 2022.

NUCCI, M. F. "**Não chore, pesquise!**": Reflexões sobre sexo, gênero e ciência a partir do neurofeminismo. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administra) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

NUNES, A.I.B.L. SILVEIRA, R. N. **Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Fortaleza: Liber Livro, 2008.

OLIVEIRA, D. S. OLIVEIRA, I. S. CATTUZZO, M. T. A influência do gênero e idade no desempenho das habilidades locomotoras de crianças de primeira infância. **Rev. Brasileira em Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, L.S.M. et al. Estudo comparativo entre contextos de brincadeiras em instituição de acolhimento infantil. **Psico**, Porto Alegre, V. 46, n. 3, 2015.

OKA, M. LAURENTI, C. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico exploratório das ciências da saúde. **Saúde Soc.** São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/6DbV8gjdVXsprY5QQ7KHKRB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 de abril de 2023.

PACHECO, Luciana de Bem. **De João à Joana: gênero e brincadeiras - atribuição de significados no contexto da educação infantil**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2009.

PETO, L. C. VERISSIMO, D. S. Natureza e processo de trabalho em marx. **Psicol. Soc.** Ano 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/hpxGgHT7rQVdKRChNjNgnjP/?lang=pt>. Acesso em: 01 de junho de 2022.

RAMOS, J. B. O. **A construção do gênero e da sexualidade na literatura infantil.**

Dissertação (mestrado)- Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2008.

REGO, T. C. **Uma perspectiva histórico-cultural da Educação.** - Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SANTOS, I. A. dos. **Diferenças de Gênero nas Brincadeiras de Crianças em Sites e/ou Aplicativos: Segregação, Estereotipia e Tipificação.** 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANTOS, V. C. Índícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.16. 2010. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/4018>.

Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

SILVA, F. J. da C. e. **Análise da produção científica brasileira sobre relações de gênero na educação infantil.** 2015. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.

SILVA, M. L. da. et al. Relação entre gênero e desempenho neuropsicomotor de crianças em Belém, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2016.

SILVA, J. da. **Gênero e sexualidade no ambiente escolar: concepções das diretoras frente a preconceitos e discriminações com estudantes lgbtt.** Dissertação (mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Curso de Mestrado em Educação, Tubarão, 2015.

SILVA, M. G. da. **O que dá humanidade ao corpo? Desdobramentos do sexo-gênero para o reconhecimento da intersexualidade.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SIQUEIRA, L. B. de. ALENCAR, O.L.G. de. AQUINO, C.A.B. Atividade humana: compreendendo a trajetória do trabalho na contemporaneidade. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, jan./jun. 2012. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/106>. Acesso em: 01 de junho de 2022.

SONETTI, S. L. Identidade de gênero social e identidade de gênero erótico-sexual.

**Revista brasileira de sexualidade humana.** 2018. Disponível em:

[https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/76/54](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/76/54). Acesso em: 07 de abril de 2023.

TONELLI, M.J.F. **Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate.** In Jacó-Vilela, A. M., e SATO, L., org. Diálogos em psicologia social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. Disponível em:

<https://books.scielo.org/id/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601-12.pdf>. Acesso em: 07 de abril de 2023.

VIGOTSKI, L.S. LURIA, A. R. LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 16.ed. São Paulo, Ícone, 2017.

***Submetido em:*** 26 de mar de 2024.

***Aprovado em:*** 30 de mai de 2024.

***Publicado em:*** 30 de ago de 2024.